

“Um ato de brutal infelicidade”

por Celso Pinto
de Londres

Foram os Estados Unidos os inspiradores diretos da pressão para o adiamento da aprovação de dois empréstimos ao Brasil no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), segundo o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek.

Embora a decisão, que gerou uma dura nota de protesto do governo brasileiro, elaborada pelo Itamaraty, tenha sido estimulada por cinco países, o ministro identificou o foco de pressão nos Estados Unidos. Aliás, em setores do governo norte-americano. Ele citou, especificamente, o nome do subsecretário do Tesouro, David Mulford.

Rezek classificou o incidente do BID como “um ato de brutal infelicidade”. Os cinco países que pediram adiamento da aprovação dos empréstimos foram os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, o Canadá e o Japão. A idéia de usar os organismos mul-



Francisco Rezek

tilaterais como forma de pressionar o Brasil a assinar um acordo com os bancos credores, contudo, havia sido aprovada numa reunião em janeiro do G-7 (o grupo de países ricos que incluem também a Itália e a Alemanha).

O ministro revelou que depois dessa decisão do G-7, que ele conhecia, o assunto foi mencionado por dois países envolvidos. Tanto o Japão quanto a

França fizeram chegar a Brasília sua preocupação de que o Brasil chegasse a um acordo com os bancos.

Curiosamente, o assunto jamais foi sequer insinuado em contatos de alto nível do governo brasileiro com o governo norte-americano. “Os japoneses assumiram a tarefa e pouparam essa energia aos Estados Unidos”, disse Rezek. Ele atribuiu a iniciativa a “setores econômicos” do governo norte-americano, fruto da “dissensão e pluralismo” próprios de um governo democrático. “O Mulford sempre foi claro na sua preocupação (com essa questão)”, lembrou Rezek.

O acerto dos atrasados com os bancos, supõe o ministro, deverá encerrar o incidente. O ministro, que teve um contato com empresários e banqueiros britânicos em sua visita a Londres, admite que “é justa a aflição do credor que não recebe”. Para os banqueiros “essa não é uma questão acadêmica:

cabeças rolam”. Essa “aflição” dos bancos, por sua vez, “contamina os investidores”. Com um acordo com os bancos, ele acha que certamente os investimentos voltarão.

Rezek esteve nesta semana em Genebra, onde teve encontros com a Cruz Vermelha e o Comitê de Direitos Humanos da ONU. Participou também da reunião do comitê preparatório para a conferência sobre meio ambiente que será realizada no Brasil no próximo ano.

Defendeu duas teses: a de que a conferência deve discutir a idéia de um “desenvolvimento sustentável”, e preserve o meio ambiente, e não ser apenas “um festival ambientalista”, e que o custeio desse desenvolvimento sustentável deve ser apoiado por transferência de recursos e tecnologia para os países em desenvolvimento. “Se o problema é global, será só o que faltava a um país desenvolvido querendo ganhar dinheiro à custa disso”, definiu.